Capítulo

05

A Transição da Vida: Uma Abordagem Teológica sobre o Pós-Vida

The Transition of Life: A Theological Approach to the Afterlife

Guilherme Afonso Pereira Palacios

RESUMO

As visões sobre a transição da vida para a morte varia amplamente entre diferentes culturas, religiões e abordagens científicas, refletindo tanto a crença em uma continuidade espiritual quanto em um fim biológico. Em várias tradições ou matrizes de origem indígenas, africanas e no espiritismo, a morte faz parte de um ciclo evolutivo, onde rituais e cultos aos ancestrais mantêm os laços entre os vivos e os mortos. As religiões abraâmicas veem a morte como um momento de julgamento baseado na moralidade, enquanto filosofias gregas e budistas tibetanas buscam transcender do ciclo na materialidade. A ciência, por sua vez, interpreta a morte como a cessação irreversível das funções vitais, mas abre espaço para a possibilidade de coexistimos em realidades paralelas. A análise dessas perspectivas não só ajuda a entender as respostas ao medo da morte, mas também propõe novos caminhos de pesquisa sobre reencarnação, ancestralidade e moralidade. Um tema relevante e atual por promover um diálogo intercultural e inter-religioso, ajudando a compreender as semelhanças e diferenças nas respostas ao medo da morte e ao desconhecido, enriquecendo a compreensão do fenômeno da morte para além de barreiras culturais e religiosas.

Palavras-chave: ancestralidade; interculturalidade; morte.

ABSTRACT

The views on the transition from life to death vary widely among different cultures, religions, and scientific approaches, reflecting both the belief in spiritual continuity and the idea of a biological end. In various traditions or matrices of indigenous, African, and spiritualist origins, death is seen as part of an evolutionary cycle, where rituals and ancestor worship maintain the bonds between the living and the dead. The Abrahamic religions view

AYA Editora©

DOI: 10.47573/aya.5379.2.366.5

death as a moment of judgment based on morality, while Greek philosophies and Tibetan Buddhism seek to transcend the material cycle. Science, on the other hand, interprets death as the irreversible cessation of vital functions but leaves room for the possibility of coexisting in parallel realities. Analyzing these perspectives not only helps to understand the responses to the fear of death but also proposes new avenues of research on reincarnation, ancestry, and morality. This is a relevant and timely theme as it promotes intercultural and interreligious dialogue, helping to comprehend the similarities and differences in responses to the fear of death and the unknown, thus enriching the understanding of the phenomenon of death beyond cultural and religious boundaries.

Keywords: ancestry; interculturality; death.

INTRODUÇÃO

Neste ensaio, investigaremos como diferentes culturas e tradições religiosas ao longo da história interpretam e compreendem a morte, uma questão central tanto na antropologia quanto na teologia comparada (Kastenbaum, 2004; Neimeyer, 2012). Embora a morte seja uma experiência universal, as maneiras como ela tem sido compreendida variam amplamente entre culturas, religiões e visões de mundo. Para muitas dessas tradições, a morte não representa um fim definitivo, mas sim uma transição para outro estado de existência, no qual a alma, o espírito ou a consciência continuam de alguma forma (Parkes; Laungani; Young, 2015). Essa visão de continuidade após a morte sustenta uma ampla gama de mitologias, rituais e crenças que ajudam a moldar as respostas teológicas, emocionais e filosóficas sobre a mortalidade ou imortalidade, fornecendo significado e consolo diante dessa realidade inevitável (Bloch; Parry, 1982).

Podemos considerar como relevante e enigmática[1] o que sobrou da civilização antiga do Egito e principalmente por desenvolver uma visão complexa da morte. Para os egípcios, a morte era uma transição para a vida eterna, com o destino da alma dependendo da moralidade do indivíduo em vida. O mito da balança de Osíris, onde o coração[2] do falecido era pesado contra a pena de Maat (símbolo da verdade e justiça), refletia a crença na justiça e ordem cósmica. Se o coração fosse leve e equilibrado com a verdade, a alma poderia continuar sua existência no além (Assmann, 2005). Essa perspectiva demonstra como a morte era percebida não como um fim, mas como um portal para outra forma de existência, onde a moralidade[3] era fundamental (Hornung, 1999).

1 Teorias alternativas sobre o Egito Antigo sugerem que a civilização egípcia teria sido criada por extraterrestres ou seria um legado de uma civilização avançada anterior a catástrofes globais. A hipótese dos extraterrestres propõe que construções como as pirâmides seriam tecnologicamente complexas demais para o conhecimento humano da época. Já a teoria da civilização pré-cataclísmica sugere que o Egito herdou conhecimentos de uma sociedade avançada destruída por um desastre global. Embora essas ideias sejam intrigantes, não são aceitas pela comunidade científica, que baseia suas conclusões na evolução segundo uma linha histórico-cultural da evolução humana e tecnológica. Disrupturas como essas são vistas como ficção científica ou crenças populares.

2 No hinduísmo, o coração é visto como o Anahata chakra, o centro energético responsável pelo amor, compaixão e harmonia. Localizado no centro do peito, ele equilibra as energias físicas e espirituais, promovendo emoções elevadas e a conexão universal. Portanto, as emoções são causas da paz ou da ira, dependendo do estado desse centro. O bloqueio do Anahata pode gerar tristeza ou isolamento, enquanto práticas como meditação e pranayama ajudam a restaurar o fluxo energético e trazer equilíbrio emocional.

3 A moralidade refere-se ao conjunto de princípios que orientam o ser humano a escolher entre dois caminhos: o do bem ou o do mal. Aprendemos ao longo da vida que, ao seguirmos o caminho, a ética deve ser a nossa bússola, guiando nossas decisões e ações. Assim, as atitudes e a conduta das ações são escolhas entre o que é certo e errado, sendo essencial para a construção de uma vida virtuosa (íntegra) e uma sociedade justa.

Teologicamente, no judaísmo[4], as concepções sobre a morte e o pós-vida evoluíram conforme o pensamento religioso e espiritual avançou ao longo dos séculos. Inicialmente, o Sheol era visto como um destino sombrio e silencioso para os mortos, onde as almas existiam em um estado de inatividade, distantes da vida e sem distinção entre recompensas ou punições (Jacobs, 2007). Essa visão reflete uma concepção primitiva da morte como um estado final, sem consequências morais ou espirituais.

No entanto, à medida que a teologia judaica se desenvolveu, surgiram ideias mais detalhadas sobre o pós-vida, como Gan Eden (paraíso) e Gehenna (um local de punição temporária), que refletiam uma crescente crença na justiça divina e no julgamento das almas (Levenson, 2006). Essas noções trouxeram à tona a ideia de que as ações morais em vida influenciam diretamente o destino final da alma após a morte. Com o tempo, o judaísmo consolidou o conceito de ressurreição dos mortos e do julgamento final, ressaltando que os mortos voltariam à vida para serem julgados conforme seus atos, o que está intimamente relacionado à promessa messiânica de restauração do mundo.

Essa evolução teológica aponta para uma compreensão mais elaborada de Deus como justo juiz, recompensando os justos e corrigindo os ímpios que cometeram pecados de maneira temporária. Nesse contexto, a morte passou a ser vista como uma transição espiritual, onde a alma, separando-se do corpo, busca a reconciliação com Deus e a possibilidade de redenção. A fé na justiça divina e no encontro final com o Criador traz esperança de uma vida[5] além da existência terrena.

Com o surgimento do cristianismo, a morte ganhou um significado ainda mais próximo do sentido da vida, centrado na ressurreição de Jesus Cristo. Na doutrina cristã, a morte não será o fim, mas uma passagem para a vida eterna. O destino da alma será determinado pelo relacionamento com Deus e pelas ações durante a vida (Mcgrath, 2020). A ressurreição de Cristo porta em si a chave para essa crença, simbolizando a vitória sobre a morte e a promessa de que os fiéis também experimentarão a ressurreição[6] e a vida eterna ao lado de Deus (Wright, 2008). A morte, portanto, significa a libertação das injustiças e das dores humanas, vista como as boas novas de uma transição da vida para a morte, pós-vida em uma nova fase de existência, onde os justos serão recompensados com a vida eterna no céu[7] (O'Collins, 2009).

No islamismo, a morte também é vista como uma passagem para a vida eterna, com um forte foco no julgamento final. Os muçulmanos acreditam que, após a morte, a alma passa por uma fase de espera chamada *Barzakh*, um estado intermediário entre a morte e o

4 Os termos utilizados neste artigo foram extraídos da Bíblia e servem como ilustrações teológicas para o entendimento dos conceitos apresentados no texto sagrado.

*5 "***Vá em paz e descanse em paz, e que se levante para o seu destino no fim dos dias.***" (frase de despedida do morto segundo as leis do luto judaico).*

6 A ressurreição e suas implicações teológicas podem ser contraditórias. Entretanto, não apenas reafirma a crença em uma vida após a morte, mas também coloca grande ênfase na justiça divina e no julgamento moral das ações humanas. Abre-se uma oportunidade para que aqueles que não conseguiram concluir suas missões espirituais na vida terrena possam redimir suas faltas no pós-vida pela caridade espiritual.

7 O conceito de "céu" pode ser interpretado como um lugar de paz, bem-aventurança e perfeição, ou ainda uma realidade que transcende nossa existência física. Em diversas religiões, o céu é associado ao paraíso, um estado de plenitude espiritual, onde a alma encontra repouso e união com o divino. Em um contexto mais contemporâneo, o conceito de multiverso oferece uma analogia interessante, sugerindo que o céu ou paraíso pode ser uma outra dimensão de realidade, coexistente, mas separada do nosso universo físico. Esta ideia ressoa com muitas concepções religiosas, nas quais o paraíso não é necessariamente um local físico, mas uma dimensão espiritual de existência. ***Sinônimos****: Céu, Reino dos Céus, Paraíso, Jardim do Éden, Gan Éden, Mundo Vindouro, Nirvana, Aruanda, Dimensão Espiritual, Campos Elísios, Monte Olimpo, Valhala, El Dorado, Shangri-Lá, Paraíso Perdido, entre outras nomenclaturas.*

Dia do Juízo. No Dia do Juízo, Allah julgará todos os indivíduos com base em suas ações e fé durante a vida. Aqueles que seguiram o caminho de Allah e se comportaram moralmente no Islã serão recompensados com a vida eterna no Paraíso (*Jannah*), enquanto aqueles que viveram de forma imoral ou em descrença enfrentarão a punição no Inferno (*Jahannam*) (Wright, 2008). A crença islâmica ensina que a morte é apenas uma transição para uma existência posterior, onde a justiça divina será plenamente realizada. A vida é vista como uma preparação para o que vem após, e a moralidade e a devoção a Allah desempenham um papel crucial no destino da alma (Cohn-Sherbok, 2003).

No século XIX, o Espiritismo trouxe uma inovação ao sistematizar e codificar o entendimento sobre o pós-vida. Fundado por Allan Kardec[8], o Espiritismo propõe que a morte é uma etapa dentro de um ciclo evolutivo contínuo. Após o falecimento físico, a alma segue sua jornada no plano espiritual, onde continua seu progresso espiritual, tanto moral quanto intelectual (Kardec, 2007a).

A reencarnação e a lei de causa e efeito são pilares dessa doutrina, reforçando que cada existência oferece uma nova oportunidade de aperfeiçoamento, sendo a morte uma transição para outra fase de aprendizado e evolução espiritual (Moreira-Almeida, 2009).

Entre os povos indígenas das Américas, como os maias, incas, astecas e tribos brasileiras, a morte tem outro significado, compreendida como parte de um ciclo natural de vida. Nessas culturas, os mortos não partem, mas estabelecem uma conexão contínua com os vivos e a com natureza, ao desempenhar um papel ativo na manutenção da harmonia espiritual (Carrasco, 1990). Celebrações como o “Dia dos Mortos” nas culturas mesoamericanas reforçam essa crença, onde os vivos honram os mortos, assegurando que a vida e a morte coexistam em um ciclo contínuo (Lomnitz, 2005). Em muitas dessas culturas, onde a escrita não esteve presente, a tradição oral desempenhou um papel crucial na preservação dos conceitos religiosos. Além disso, momentos de transe fazer parte do contato com o mundo espiritual, por meio de xamãs, enriqueceram a memória viva dos ancestrais. Esses estados de comunicação espiritual serviram para transmitir pelas gerações os fundamentos religiosos, religando a materialidade com a imaterialidade ou espiritualidade, fortalecendo ainda mais o vínculo entre vivos e mortos.

Nas tradições africanas, a morte é vista como uma transição para o mundo dos ancestrais. Essa crença reflete a visão de continuidade entre as gerações, onde os mortos permanecem em constante diálogo com os vivos, e os rituais asseguram a harmonia espiritual da comunidade (MBITI, 1991). Os rituais funerários, oferendas e as celebrações são formas de honrar os ancestrais, reforçando os laços espirituais que garantem a estabilidade e a proteção do grupo (PEEL, 2003).

A morte raramente é vista como um fim definitivo. Em vez disso, é considerada uma transição para outra forma de existência, seja por meio da reencarnação, ressurreição ou pela união com os ancestrais. Essa visão cíclica da continuidade entre vida e morte molda crenças, rituais e práticas, proporcionando alívio diante do medo da morte e dando sentido à vida (Bloch; Parry, 1982). Trata-se de filosofias que divergem do pensamento abraâmico,

8 Por meio da codificação dos livros fundamentais, como O Livro dos Espíritos e O Evangelho Segundo o Espiritismo, a doutrina estabeleceu conceitos como a reencarnação, a pluralidade dos mundos habitados e a comunicação entre vivos e espíritos. Essa abordagem buscou integrar ciência, filosofia e religião, propondo uma visão racional e progressista do destino da alma e do universo, influenciando debates espirituais e filosóficos em diversas culturas.

mas que refletem o desejo humano de continuidade e conexão. Essa subjetividade, muito particular e íntima, colabora na construção da religiosidade dos indivíduos, funcionando como um ponto de encontro entre o presente e o eterno (Davies, 2005).

PERSPECTIVAS CULTURAIS E RELIGIOSAS SOBRE A MORTE: MITOS E SIGNIFICADOS

O mito egípcio da balança de Osíris, no Antigo Egito, conhecido como o Julgamento de Osíris ou a Pesagem do Coração[9], evidencia uma sociedade tanatocêntrica, a qual se prepara para o pós-vida, simbolizando como ponto de partida a moralidade, a justiça e vida após a morte. Segundo essa crença, a alma do falecido era levada ao tribunal de Osíris, onde o coração era pesado contra a pena de *Maat*, deusa da verdade e justiça. O coração, visto como o centro da vida emocional, moral e espiritual, representava as ações e intenções da pessoa. Para os egípcios, a moralidade era intrínseca à essência de cada indivíduo (Assmann, 2005; Horung, 1999; David, 2002).

A pena de Maat, por sua vez, é uma metáfora poderosa da justiça, verdade e equilíbrio universal. A pena, leve e pura, representa os princípios que governavam tanto o universo quanto a vida terrena dos egípcios. Ela não simbolizava apenas um código moral, mas também a harmonia e a ordem cósmica. No Antigo Egito, a vida e a sociedade eram orientadas pelo conceito de Maat, que significava viver de acordo com a ordem natural e a justiça (Kemp, 2006). Assim, a balança no julgamento dos mortos simbolizava o equilíbrio entre o comportamento humano e as leis universais da justiça divina.

Durante o julgamento, o deus Anúbis, protetor dos mortos e mestre das técnicas de embalsamamento, conduzia a pesagem, enquanto *Thoth*, o deus da sabedoria e da escrita, registrava os resultados. Outros deuses assistiam à cerimônia, e o resultado determinava o destino da alma do falecido. Se o coração fosse mais leve ou igual à pena de Maat, isso indicava que a pessoa havia vivido uma vida justa, de acordo com a verdade e a ordem. Nesse caso, a alma era conduzida para os Campos de *Aaru*[10], um paraíso onde o falecido viveria eternamente em paz (Assmann, 2005; Taylor, 2001).

Por outro lado, se o coração pesasse mais do que a pena, significava que a pessoa havia cometido atos injustos ou carregava culpa e pecado. Nesse caso, o coração era devorado por *Ammit*, uma criatura híbrida com cabeça de crocodilo, corpo de leão e

9 No Egito Antigo, uma sociedade com forte enfoque tanatológico, as experiências místicas faziam parte do imaginário coletivo. Os sacerdotes lembravam que a pós-vida era uma passagem associada à justiça e à pureza moral, simbolizada pelo mito da balança de Maat, onde o coração do falecido era pesado contra a pena da deusa. Apenas aqueles cujos corações estivessem livres de impurezas poderiam alcançar o paraíso. O mito também sugeria a ideia de reencarnação como uma nova existência para aqueles que não passassem na balança de Maat. No entanto, essa renovação vinha acompanhada do esquecimento da identidade, dos laços familiares e da vida anterior, o que significava, na prática, a aniquilação da alma daqueles considerados injustos. Portanto, se entendemos que a reencarnação envolve a perda dos vínculos afetivos e da memória do passado, não faz sentido considerá-la como uma verdadeira continuidade da vida. Em vez disso, trata-se de um aniquilamento da existência anterior, já que a vida passada é completamente esquecida como parte da punição ao retornar ao mundo concreto.

10 Os Campos de Aaru eram o paraíso na mitologia egípcia, acessível apenas aos justos após uma série de provações no Duat (submundo). A principal provação era o Julgamento de Osíris. O morto também precisava atravessar o perigoso Rio das Trevas, enfrentando demônios e criaturas, utilizando feitiços protetores do Livro dos Mortos. Além disso, ao longo do caminho, havia uma série de portais guardados por seres divinos que exigiam o conhecimento de palavras mágicas. Em algumas versões, o Duat era dividido em sete regiões, cada uma com novos desafios. Os justos também encontravam deuses como Thoth, Anúbis e Hórus, cuja ajuda ou testes determinavam o sucesso da travessia. Ao superar todos esses obstáculos, a alma se transformava em um Akh, um ser glorificado, e entrava nos Campos de Aaru, onde desfrutava de uma vida eterna e plena, semelhante à vida terrena, porém livre de sofrimento.

patas de hipopótamo. Ammit representava o fim definitivo da existência, pois, ao devorar o coração, a alma era destruída e condenada ao aniquilamento (Horung, 1999). Isso reflete que os egípcios temiam mais o desaparecimento espiritual do que a própria morte física. O mito, portanto, não falava de punição eterna no inferno, mas de uma dissolução completa, indicando que a integridade moral e espiritual era crucial para a sobrevivência eterna.

O mito da balança carrega várias camadas de significado. A balança é uma metáfora para o equilíbrio cósmico, que os egípcios acreditavam ser necessário para a ordem no universo e na sociedade. O peso do coração simboliza o fardo de nossas ações, demonstrando que os pensamentos e comportamentos de cada indivíduo eram cuidadosamente observados ao longo da vida (David, 2002). O conceito de que o coração deve ser leve sugere uma vida vivida com pureza, integridade e sem o peso da culpa, da ganância ou da violência (Assmann, 2005).

A pena, por ser um objeto tão leve e delicado, é uma metáfora para o ideal de justiça perfeita — algo etéreo, quase inalcançável, mas que rege tanto os deuses quanto os humanos. Viver em Maat significava não apenas respeitar as leis sociais, mas viver em harmonia com o próprio destino e com o universo (Kemp, 2006).

Por outro lado, Ammit personificava o medo do caos e da desordem, simbolizando o que acontece quando os seres humanos se afastam da verdade e da justiça. A destruição do coração por Ammit reflete o conceito de morte espiritual que é a perda da chance de continuidade espiritual. Para os egípcios, a ideia de ser consumido por Ammit era o pior destino possível, representando a destruição completa da identidade e da alma (Taylor, 2001).

O Mito do Bardo e a Transição para o Além

O mito tibetano da viagem da alma após a morte, descrito no Bardo Thodol, mais conhecido como O Livro Tibetano dos Mortos, é um dos textos fundamentais do budismo tibetano[11]. Ele trata do processo pelo qual a alma ou consciência do falecido passa por diferentes estágios após a morte, conhecidos como bardos, até encontrar o caminho para o renascimento ou, idealmente, a libertação espiritual. Esse mito oferece uma visão detalhada e metafórica sobre os desafios, tentações e ilusões que a alma enfrenta durante sua transição entre uma vida e outra, com o objetivo de alcançar o estado de paz última, o nirvana, ou de renascer em condições mais favoráveis (Dorje, 2006).

No budismo tibetano, o conceito de bardo refere-se a um estado intermediário, um limiar entre duas existências. Após a morte, a alma passa por três desses estágios, cada um representando uma parte da jornada espiritual que pode levar à libertação ou a um novo renascimento (Thurman, 1994).

11 Enquanto o hinduísmo, budismo e espiritismo compartilham a visão de múltiplas vidas e ciclos de renascimento, as religiões abraâmicas adotam a ideia de uma única vida seguida de um julgamento final. No hinduísmo, o progresso espiritual ocorre gradualmente ao longo de várias encarnações, com o objetivo de alcançar a libertação final (moksha), semelhante ao espiritismo, onde a evolução da alma também se dá através de múltiplas reencarnações (KARDEC, 2007b). O budismo também compartilha essa noção, mas seu foco está na superação do ciclo de renascimentos através do nirvana (THURMAN, 1994). Por outro lado, as tradições abraâmicas enfatizam a importância de uma única vida e o julgamento final, onde as ações morais determinam o destino eterno da alma. Assim, o foco está na preparação espiritual para a eternidade, seja no Paraíso ou em um estado de punição.

O Bardo do Momento da Morte (*Chikhai Bardo*): Este é o primeiro estágio, que ocorre logo após a morte física. Nesse momento, a consciência experimenta uma clareza luminosa, uma luz pura que simboliza a natureza fundamental da mente e do universo. Essa luz, conhecida como luz clara, representa a unidade primordial de todas as coisas. Se a alma reconhecer essa luz e se unir a ela, pode alcançar o estado de nirvana e escapar do ciclo de renascimento (samsara). Caso contrário, o falecido entra nos estágios seguintes, onde enfrentará ilusões que podem desviar seu caminho (Sogyal, 1992). A luz clara no início do processo representa a possibilidade de iluminação, indicando a compreensão de que todas as coisas são vazias de existência inerente e que o sofrimento decorre de apegos e ignorância (Thurman, 1994).

O Bardo da Realidade (*Chönyid Bardo*): No segundo estágio, o bardo se torna mais confuso, repleto de visões simbólicas. A alma enfrenta uma série de deuses pacíficos e irados que representam aspectos da própria mente e emoções não resolvidas. Esses deuses são manifestações das emoções e desejos do falecido. Se a pessoa reconhecer essas figuras como projeções da mente, pode superar o medo e progredir espiritualmente. Ceder ao pânico pode desviar a alma do caminho da libertação (Carmen; Stein, 2009). No budismo tibetano, essas deidades não são vistas como entidades externas, mas sim como projeções da mente humana (Sogyal, 1992). O desafio da alma é reconhecer essas visões como ilusões e deixar de lado o apego e o medo.

O Bardo do Renascimento (*Sidpa Bardo*): Se a alma não conseguiu se libertar nos estágios anteriores, entra no terceiro bardo, onde começa a busca por um novo corpo. Aqui, o karma do falecido, acumulado ao longo de vidas passadas, determina o próximo renascimento. A alma passa por várias visões, como a imagem de pais em união, representando a concepção. Se a alma se apegar a essas visões, será atraída de volta ao ciclo de renascimento (Evans-Wentz, 2000). A tentação final no Sidpa Bardo é uma metáfora para o apego ao mundo material. As visões de pais em união, que simbolizam o renascimento, refletem o desejo de continuidade e apego à vida física. Resistir a essa tentação requer sabedoria, pois ceder a ela significa voltar ao ciclo de Samsara, perpetuando o sofrimento e a ilusão (Dorje, 2006).

O objetivo final dessa jornada é encontrar o caminho para o reino da paz, o estado de libertação do ciclo de renascimento e entrada no nirvana. A paz, nesse contexto, representa a libertação completa de todos os apegos e do sofrimento. Alcançar esse estado requer uma compreensão profunda da verdadeira natureza da realidade e a capacidade de transcender as ilusões criadas pela mente (Thurman, 1994). O Bardo Thodol[12] serve como um guia tanto para os mortos quanto para os vivos, compreender o processo da morte e os desafios que a mente enfrenta durante a jornada pós-morte para enfrentar a própria vida[13] com sabedoria e clareza, com a esperança de alcançar a paz final e libertação de Karma (Evans-Wentz, 2000).

12 Os monges budistas tibetanos desempenham um papel essencial no processo de preparação da alma para a jornada pós-morte. Uma prática comum é a leitura de textos sagrados, como o Bardo Thodol, diante do corpo do falecido. Essa leitura, conhecida como phowa, visa orientar a consciência do falecido, ajudando-a a reconhecer as diferentes etapas da transição entre a vida e o renascimento, e a evitar o apego às ilusões que surgem nos bardos. Acredita-se que essa assistência espiritual oferecida pelos monges aumenta as chances de o falecido alcançar a libertação ou um renascimento mais favorável. Essa tradição reflete a crença no poder transformador da palavra sagrada e no papel dos guias espirituais para ajudar a alma a navegar pelos estados intermediários. A leitura em voz alta não é apenas uma forma de transmitir instruções para o morto, mas também um meio de purificar o ambiente e criar um campo de mérito que facilite a transição da alma para uma nova existência (Thurman, 1994).

13 A abordagem budista em relação à morte envolve preparações espirituais ao longo da vida e práticas meditativas que ajudam na passagem do falecido pelo Bardo, o estado intermediário entre a morte e o próximo renascimento. No pós-vida, a luz indica que a missão terrena foi cumprida, enquanto a reencarnação sugere que restaram falhas durante a passagem pelo mundo concreto, necessitando de novos ciclos de renascimento para o aprimoramento espiritual.

Diálogo entre o Mito Judaico, Cristão, a Divina Comédia e a Filosofia Grega

O diálogo entre o mito judaico e o mito cristão sobre a morte revela uma interconexão histórico-cultural entre essas tradições religiosas, marcada tanto por semelhanças quanto por divergências. A crença em uma vida após a morte, a necessidade de julgamento e a possibilidade de recompensa ou punição são elementos centrais em ambos os mitos, mas os detalhes sobre o destino final da alma, a natureza do julgamento e o papel da ressurreição diferem entre si.

No judaísmo, a visão da morte também evoluiu ao longo do tempo. Inicialmente, o *Sheol* era concebido como um lugar indistinto e sombrio, onde todos os mortos, independentemente de serem justos ou ímpios, aguardavam em um estado de sombra e silêncio (Cohn-Sherbok, 2003). Contudo, com o desenvolvimento da teologia judaica, a ideia de um julgamento divino se consolidou. Os justos seriam recompensados no Gan Éden (Jardim do Éden), enquanto os ímpios enfrentariam punição temporária na *Gehenna*[14]. Este conceito de justiça divina pós-morte tornou-se central na compreensão judaica do destino da alma (Jacobs, 2007).

A crença na ressurreição dos mortos, fundamental para o judaísmo, também reflete essa evolução. Em Daniel 12:2, menciona a ressurreição para “vida eterna” ou “vergonha eterna” (Bíblia, 2002), conectada à vinda do Messias e à restauração da justiça divina (Levenson, 2006). Esse conceito de continuidade da vida após a morte, na ressurreição, dialoga com as expectativas escatológicas tanto no judaísmo quanto no cristianismo.

A morte é entendida como consequência do pecado original, conforme descrito no livro de Gênesis. Quando Adão e Eva desobedeceram ao mandamento de Deus, trouxeram a morte e a separação entre a humanidade e o Criador (Bíblia, 2002). No entanto, para os cristãos, a morte não é o fim. O sacrifício de Jesus Cristo traz a promessa de redenção e ressurreição para todos os crentes. Sua crucificação e ressurreição são pontos fundamentais na doutrina cristã, pois, ao vencer a morte, Jesus oferece a esperança de vida eterna, restaurando a conexão entre Deus e a humanidade (Wright, 2008). Dessa forma, tanto no judaísmo quanto no cristianismo, a morte é um ponto de transição, não de encerramento definitivo, permeada pela expectativa de uma nova vida, seja no Mundo Vindouro ou na Redenção dos Pecados.

No conceito do Juízo Final, Cristo retornará para julgar toda a humanidade, tanto os vivos quanto os mortos. Os justos serão ressuscitados para uma vida eterna no céu, enquanto os ímpios enfrentarão a condenação eterna no inferno. Esse julgamento definitivo reflete a ideia de que a justiça divina se manifestará plenamente no pós-vida, onde cada indivíduo receberá a recompensa ou punição de acordo com suas ações em vida (Mcgrath, 2020).

Partindo da obra Divina Comédia, de Dante Alighieri, como comparação, podemos observar os arquétipos e alegorias da vida após a morte, que reflete a estrutura teológica do cristianismo medieval, ao explorar temas como o Inferno, o Purgatório e o Paraíso, lugares

14 Na doutrina espírita, o umbral é um estado temporário onde as almas, ainda apegadas aos desejos materiais ou ao mundo terreno, permanecem, vagando sem direção certa. Já na tradição judaico-cristã, embora exista uma semelhança, a ideia aponta para um sofrimento eterno, sem perspectiva de redenção.

destinados às almas após a morte, de acordo com suas ações em vida. Essa concepção de vida após a morte, cheia de recompensas e punições, dialoga com a compreensão cristã e judaica sobre o destino das almas, ambas permeadas pela ideia de um julgamento divino.

Dentro do cristianismo, particularmente no catolicismo, a doutrina do purgatório oferece uma visão mais matizada desse processo. O purgatório é visto como um estado intermediário onde as almas passam por um processo de purificação antes de estarem preparadas para entrar no céu. Aqueles que morreram em estado de graça, mas ainda não completamente purificados, têm a oportunidade de se preparar para a vida eterna junto a Deus. Essa crença complementa a visão do Juízo Final, fornecendo uma ponte entre a condição humana imperfeita e a perfeição exigida para estar na presença divina (Mcgrath, 2020).

A escatologia cristã apresenta a crença na ressurreição corporal dos mortos, tal como descrita no livro do Apocalipse, há a promessa de que Deus enxugará todas as lágrimas e não haverá mais morte, dor ou sofrimento, pois a antiga ordem das coisas terá passado. Esta passagem tem sido frequentemente interpretada como uma visão da nova criação[15], em que a restauração de todas as coisas será alcançada. A ressurreição não se limita apenas à alma, mas também ao corpo, ressaltando a crença cristã de que a redenção inclui tanto o aspecto espiritual quanto o físico da existência humana (Bíblia, 2002).

No Inferno, Dante apresenta um sistema de punição organizado em círculos, onde os pecadores enfrentam tormentos proporcionais à gravidade de seus pecados. O Purgatório de Dante representa um estado de purificação onde as almas, que ainda não estão prontas para o Paraíso, expiam seus pecados. Esse conceito está enraizado na doutrina católica de redenção após a morte, algo que não encontra um equivalente tão detalhado no judaísmo. No Paraíso, Dante descreve uma união completa e eterna com Deus, onde os justos habitam em bem-aventurança perpétua na união mística com Deus.

A purificação e a busca por imortalidade aparecem tanto nas religiões abraâmicas quanto nas filosofias gregas, mas enquanto no cristianismo e no judaísmo essa purificação tem conotações morais e espirituais, na filosofia platônica a purificação está mais ligada à libertação intelectual da alma (Platão, 1996).

Os filósofos gregos forneceram uma base intelectual crítica para o entendimento da morte e do pós-vida, influenciando até certo ponto as tradições religiosas posteriores.

Sócrates via a morte com serenidade, como descrito na Apologia de Platão. Para ele, a morte seria ou um sono sem sonhos ou uma transição para um estado onde a alma poderia continuar sua busca por sabedoria. Ele acreditava que uma boa pessoa não poderia ser prejudicada nem na vida nem na morte (Platão, 2001).

*15 A nova criação pode ser compreendida como um **reset** da humanidade, um cataclismo que aniquila a história humana para reescrever outra narrativa, apagando todos os vestígios da existência anterior. Nesse processo, uma nova realidade emergiria, onde todos os traços do passado seriam apagados, e a história humana seria substituída por uma nova ordem. Em analogia, seria o fim do mundo tal como o conhecemos, dando lugar a uma nova tentativa de aperfeiçoamento, ou burilamento, de uma espécie superior, destinada a substituir o ser humano. Essa concepção evoca diversas teorias alternativas que sugerem a existência de civilizações anteriores à nossa, que teriam alcançado níveis avançados de tecnologia, mas, por falhar em cumprir os desígnios divinos ou os propósitos superiores, acabaram sendo extintas. Muitas dessas teorias postulam que essas civilizações anteriores – como a Atlântida ou outras culturas míticas – teriam sido destruídas por cataclismos naturais ou divinos, marcando um ponto final no seu ciclo de desenvolvimento. A ideia de que a humanidade atual poderia estar repetindo padrões de comportamento que levaram à queda dessas civilizações reforça a noção de que há um julgamento cíclico. Essa visão se conecta com conceitos espirituais e religiosos de purificação e renovação, onde o fim de uma era ou ciclo serve para corrigir falhas morais, espirituais e materiais, pavimentando o caminho para a emergência de um novo tipo de ser, mais sintonizado com as leis universais ou os propósitos divinos.*

Platão, em sua obra Fédon, argumenta que a morte liberta a alma das limitações do corpo, permitindo-lhe unir-se ao mundo das ideias. Sua visão dualista da separação entre corpo e alma ecoa em algumas interpretações religiosas sobre a vida após a morte (Platão, 1996).

Aristóteles, por sua vez, via a imortalidade sob uma perspectiva mais interligada com a vida intelectual. Para ele, a realização suprema da alma estava na busca pela virtude e pelo intelecto durante a vida, embora não apresentasse uma visão tão definida sobre o pós-vida quanto Platão (Aristóteles, 2010).

A Morte e a Reencarnação no Espiritismo

O conceito de morte no espiritismo oferece uma perspectiva diferenciada, mas que se conecta com os princípios presentes nas tradições judaico-cristãs e nas contribuições filosóficas gregas, anteriormente discutidas. Ao contrário de muitas doutrinas que veem a morte como o fim definitivo ou um momento de julgamento irreversível, o espiritismo, codificado por Allan Kardec no século XIX, enxerga a morte como uma fase necessária e natural no ciclo de evolução da alma. A imortalidade da alma e o conceito de julgamento e ressurreição que estão presentes tanto no judaísmo quanto no cristianismo, são ressignificados no conceito da reencarnação como mecanismo contínuo de aperfeiçoamento espiritual. As obras psicografadas por Chico Xavier, considerado um dos maiores médiuns da história do espiritismo, contribuem de forma significativa para essa visão ao detalhar o processo que ocorre após a morte contribuindo para o entendimento sobre a reencarnação.

No espiritismo, a morte é compreendida como uma simples transição de um estado de existência corpóreo para um espiritual, semelhante à passagem descrita nas tradições judaico-cristãs. A diferença fundamental reside na sua visão evolutiva: a morte não é um julgamento definitivo, mas uma etapa no processo de crescimento espiritual que se prolonga por várias vidas. Uma transição que é amplamente abordada nas obras psicografadas por Chico Xavier, como em Nosso Lar (Xavier, 1944), ditado pelo espírito André Luiz. O livro descreve a vida no mundo espiritual após a morte, explicando como o espírito, após deixar o corpo físico, continua sua jornada em uma colônia espiritual destinada ao aprendizado e à recuperação. Essa obra reforça os conceitos espíritas de Allan Kardec.

A alma, segundo Kardec, é eterna e progride continuamente através de múltiplas encarnações, em contraste com a ressurreição única descrita no cristianismo (Wright, 2008). A reencarnação oferece à alma a oportunidade de reparar erros cometidos em vidas passadas, numa dinâmica que lembra a lei de causa e efeito ou karma, um princípio também central no espiritismo. Para o espiritismo, o mundo espiritual é o verdadeiro lar da alma, e é habitado por espíritos em diferentes níveis de evolução. Este conceito lembra as descrições de céu e inferno no cristianismo, onde as almas dos justos habitam em paz eterna, enquanto os pecadores são condenados a tormentos perpétuos (Bíblia, 2002).

A visão espírita da justiça divina como uma lei de aprendizagem contínua, de causa e efeito, sugere que não há punição eterna, mas sim uma oportunidade contínua de regeneração e progresso espiritual. Conceitos amplamente tratados na obra “O Céu e o Inferno”, de Allan Kardec (Kardec, 2007a), e em diversos livros de Chico Xavier, como “Ação e Reação” (Xavier, 1957), ditado pelo espírito André Luiz, que explora a relação entre

as ações de uma vida e suas consequências no plano espiritual. O sofrimento, no plano espiritual, tem implicações temporárias e tem medida proporcional aos atos cometidos em vida.

Uma das características mais notáveis do espiritismo é a comunicação com os espíritos desencarnados, realizada por diferentes graus e tipos de mediunidade. Chico Xavier, em suas obras, exemplifica amplamente essa prática, manifestada de diversas formas. Através da psicografia, ele transmitiu mensagens de espíritos desencarnados, auxiliando muitas famílias, especialmente mães, a enfrentarem o luto e a dor da perda de seus entes queridos. Em livros como Pinga-Fogo (Xavier, 1971), essas comunicações espirituais oferecem uma visão detalhada sobre a continuidade da vida, mostrando espíritos que auxiliam no resgate dessas almas.

Essas comunicações reafirmam a crença de que a morte não rompe os laços entre os espíritos e seus entes queridos, em uma visão que dialoga com a noção cristã de reunião após a morte, mas difere ao enfatizar a possibilidade de contato direto entre vivos e mortos, algo que não é aceito pelas tradições judaico-cristãs tradicionais.

A Ancestralidade nas Religiões de Matriz Africana: Candomblé e Umbanda

Nas religiões de matriz africana, como o Candomblé e a Umbanda, a morte e a ancestralidade são compreendidas como parte de um ciclo contínuo de vida. Essa visão difere das perspectivas mais comumente encontradas nas religiões ocidentais e abraâmicas, como o judaísmo e o cristianismo, onde a morte é muitas vezes vista como um evento final e determinante para o destino eterno da alma (Cohn-Sherbok, 2003; Mcgrath, 2020). Para as religiões de matriz africana, a morte não é o fim, mas uma transição para o mundo dos ancestrais, onde os espíritos continuam a interagir com os vivos e a influenciar suas vidas. Os mortos, conhecidos como eguns, são reverenciados como figuras espirituais poderosas que continuam a exercer influência sobre os vivos (Prandi, 2001). Para ter reconhecimento no pós-vida, implica a necessidade da pessoa ter vivido uma vida honrada e ter cumprido seu papel dentro da comunidade (Santos, 2007).

Além disso, no momento do desencarne, acredita-se que os guias espirituais ou anjos protetores conduzem a alma daquele que fez a passagem. Esses guias ou protetores atuam como guardas espirituais, semelhantes aos “anjos da guarda” em outras tradições religiosas, assegurando que a alma seja encaminhada para um lugar sagrado. Esse lugar faz parte de um Reino Divino, onde a alma continuará seu processo de evolução ou assumirá um novo papel de trabalho espiritual. A função desses guias é o de garantir que a alma siga um caminho adequado no pós-vida, evitando que ela se perca, ou seja, influenciada por forças negativas (Trindade, 1999). Essa orientação no pós-vida reflete a importância do equilíbrio espiritual e da continuidade do processo de evolução da alma, mesmo após a morte.

O culto aos ancestrais no Candomblé e na Umbanda espelha a prática tradicional africana de reverenciar os mortos por meio de rituais e oferendas. Para os praticantes dessas religiões, os ancestrais são protetores da família e da comunidade, capazes de intervir nas questões cotidianas dos vivos. Requer a realização adequada de rituais funerários para

assegurar que o espírito do falecido transite para o mundo espiritual de forma pacífica e que possa, então, tornar-se um ancestral ativo (Verger, 2002).

Na Umbanda, essa prática assume um caráter sincrético, incorporando elementos do catolicismo e espiritismo kardecista, mas mantendo o princípio fundamental de que os ancestrais desempenham um papel ativo na vida comunitária (Trindade, 1999). A reencarnação[16], embora não seja um princípio formal do Candomblé, está presente na Umbanda por influência do espiritismo. Na Umbanda, acredita-se que os espíritos reencarnam repetidamente como parte de sua jornada evolutiva, em consonância com a ideia de aperfeiçoamento moral presente na doutrina kardecista (Xavier, 1945). Este ciclo contínuo de nascimento, morte e renascimento reflete a crença de que a vida espiritual e a vida física estão interligadas.

Os orixás são divindades veneradas nas matrizes africanas, desempenham um papel essencial na compreensão da morte e do mundo espiritual. Cada orixá está associado a aspectos da natureza e da vida humana, e muitos estão diretamente conectados à morte. O Orixá Obaluayê, por exemplo, é o orixá ligado à morte, à cura e às doenças, sendo considerado o senhor dos eguns, os espíritos dos mortos da Calunga. Exerce um papel crucial na proteção dos vivos e no cuidado dos que já partiram (Santos, 2006). Além dele, orixás como Iemanjá e Oxum também são responsáveis pela proteção dos espíritos e pela transição para o mundo espiritual. E, as vibrações dos Orixás regem as coroas espirituais dos seus praticantes e devotos.

Nas matrizes africanas, o papel dos orixás na morte é tanto de guiar os espíritos em sua jornada para o além quanto de garantir que os vivos mantenham a harmonia espiritual necessária para suas próprias vidas. O terreiro, espaço sagrado das práticas ritualísticas, onde os vivos entram em contato com os guias dos orixás e ancestrais são evocados e incorporados a partir do movimento de danças, cânticos e oferendas, reforçando a relação entre os mundos físico e espiritual (Prandi, 2001).

Apesar do respeito e reverência pelos ancestrais, também existe, nas religiões de matriz africana, um temor em relação aos espíritos inquietos, ou eguns que não completaram sua transição corretamente. Se os rituais funerários não forem feitos corretamente ou se o espírito morreu de forma trágica, ele pode se tornar um espírito perturbador, trazendo desequilíbrio para a vida dos vivos.

---

16 **“Vi então, no meu sonho, os quatro ventos do céu agitando o grande mar, e quatro grandes animais, diferentes uns dos outros, subiram do mar” (Daniel 7:2-3).** *A reencarnação pode ser entendida como a continuidade da centelha divina em diferentes dimensões, assumindo novos corpos, seja de humanos, animais ou vegetais. No entanto, essa essência também pode tomar formas consideradas demoníacas, quando o espírito, devido aos desejos e más intenções cultivados em vida, sofre uma regressão em sua evolução espiritual. Nesse processo, o corpo humano perde suas características originais e se deforma, adquirindo traços animalescos, como garras, chifres, rabos, entre outros, refletindo a degradação interior. Esse conceito encontra paralelo na visão descrita no capítulo 7 do livro de Daniel, onde ele sonha com quatro grandes bestas saindo do mar, cada uma com características aterrorizantes e deformadas. Essas criaturas, que combinam partes de diferentes animais, simbolizam reinos corruptos e poderosos que perderam sua humanidade, representando a decadência espiritual. Por exemplo, a primeira besta é um leão com asas de águia; a segunda é um urso; a terceira, um leopardo com quatro cabeças; e a quarta é uma criatura indescritível com dentes de ferro e dez chifres. Entretanto, em muitas tradições espirituais e religiosas, criaturas que combinam formas humanas e animais são consideradas deuses ou seres divinos, representando forças sagradas. Esse simbolismo sugere que cada espécie viva possui uma representação divina que a rege e protege, sendo parte de um reino espiritual superior. Enquanto no conceito de regressão espiritual, as deformidades representam a decadência do espírito, em diversas culturas, a fusão entre humanos e animais é vista como um símbolo de poder e harmonia com as forças da natureza. Na mitologia egípcia, por exemplo, deuses como Anúbis, com cabeça de chacal, e Hórus, com cabeça de falcão, personificam aspectos divinos e são reverenciados como protetores e guias. Essa perspectiva sugere que a ligação entre os seres vivos e o divino transcende a forma física, e cada espécie pode ser vista como portadora de uma essência sagrada. Assim, o que para alguns pode parecer uma deformação, para outros é a manifestação de uma energia espiritual superior, indicando que o reino espiritual abrange todas as formas de vida, protegendo-as e guiando-as em suas jornadas evolutivas.*

A Morte e a Ancestralidade entre os Povos Originários: Conexão Espiritual

A visão da morte entre os povos indígenas das Américas, como os maias, incas, astecas e povos originários do Brasil, revela uma compreensão do ciclo da vida e da conexão entre os mundos concreto e espiritual. Esses povos compartilhavam a crença de que a morte não representava o fim, mas uma transição para outra forma de existência, em harmonia com a natureza. Cada cultura desenvolveu suas próprias mitologias e rituais, refletindo suas relações de simbiose ecológica e harmoniosa com o meio ambiente e suas estruturas sociais.

Para muitos povos indígenas, a morte era vista como uma passagem para o mundo dos espíritos ou dos ancestrais, onde o falecido continuava a influenciar os vivos. Essa conexão espiritual e ecológica se manifestava no entendimento de que o mundo natural e o espiritual estão interligados. Entre os Guaranis e Tupis, acreditava-se que os mortos se integravam à natureza, habitando locais sagrados como florestas, rios e montanhas, povoados por espíritos de árvores, animais e águas, reforçando o ciclo vital (Pietrafesa, 2002).

Os maias[17] entendiam a morte como parte de um ciclo contínuo de vida, morte e renascimento. O Xibalba, o reino dos mortos, era visto como um espaço de transformação, onde os espíritos desempenhavam um papel importante na manutenção da ordem cósmica, relacionada aos ciclos naturais, como o movimento do sol (Lopez Austin, 1997). Seus rituais funerários incluíam oferendas para garantir que o espírito do falecido retornasse ao ciclo da vida de maneira harmoniosa.

Para os incas, a morte representava uma transição para o mundo espiritual, mas sem separação definitiva entre vivos e mortos. Governantes e nobres eram mumificados para que seus espíritos continuassem a proteger a comunidade e influenciar a fertilidade da terra. A natureza, como montanhas sagradas e rios, era vista como morada dos espíritos ancestrais (Urton, 1990).

Os astecas associavam a morte ao equilíbrio cósmico, com sacrifícios rituais oferecidos aos deuses da natureza, para garantir a continuidade da vida e a fertilidade da terra. Os mortos passavam por provações no *Mictlan*, mas guerreiros e mulheres que morriam no parto tinham um destino mais elevado, acompanhando o sol em sua jornada (Lopez Austin, 1997).

No Brasil, entre os povos indígenas, a morte também era considerada uma transformação. O espírito do falecido poderia retornar na forma de animais, plantas ou outros elementos naturais, refletindo a crença na reencarnação e no ciclo contínuo de vida e morte. Entre os Guaranis, a busca pela “**terra sem mal**” simbolizava a esperança de que, após a morte, o espírito alcançasse um estado de harmonia plena com a natureza (Campos, 2014).

17 Uma importante referência: O ***Popol Vuh*** *é o livro sagrado do povo Quiché, uma das etnias maias da Guatemala, e narra a criação do mundo, histórias míticas e a origem desse povo. Originalmente transmitido oralmente, foi escrito no século XVI sob influência espanhola, refletindo um sincretismo entre tradições maias e cristãs. A conquista espanhola no século XVI foi devastadora para a cultura maia. Missionários queimaram textos hieroglíficos e perseguiram escribas, resultando na quase extinção da escrita maia em menos de cem anos. O Popol Vuh é um dos poucos textos sobreviventes, sendo essencial para o estudo da mitologia maia (Christenson, 2007).*

O relacionamento dos povos originários com suas crenças e espiritualidade é uma parte essencial de sua identidade e forma de ver o mundo. Ao contrário das religiões organizadas que frequentemente visam o proselitismo e a expansão de seguidores, as tradições espirituais indígenas são profundamente pessoais e comunitárias, sendo guardadas como um tesouro sagrado. Essas práticas não estão voltadas para a conversão ou para a adesão externa, mas para a conexão com os espíritos da natureza, com os ancestrais e com as forças que mantêm o equilíbrio do mundo. Para os indígenas, a espiritualidade não é uma questão de adesão a dogmas ou crenças centralizadas em uma única divindade, como é comum nas religiões abraâmicas trazidas pelos colonizadores europeus. Em vez disso, ela se manifesta na relação simbiótica com a terra, com o cosmos e com o ambiente em que vivem. Essa ligação íntima é, muitas vezes, incompreendida por aqueles de fora das culturas indígenas, que por não enxergarem uma teologia formalizada ou uma figura divina única, erroneamente assumiram que esses povos não possuíam fé ou religião. No entanto, o que para os europeus parecia ausência de crença religiosa, na verdade era uma concepção de fé vivenciada, mas invisível para olhos não acostumados com essas práticas.

Essa forma de religação, que é ao mesmo tempo individual e comunitária, se torna um elo que conecta os povos originários a suas raízes ancestrais e às forças naturais que regem suas vidas. Assim, a espiritualidade indígena não é apenas uma prática religiosa, mas um modo de existir e de interpretar o mundo, fundamentado na harmonia com a terra (Natureza) e com os ciclos da vida em comunidade.

POR QUE TEMOS MEDO DA MORTE?

> Como a sociedade não permite, em muitas situações, que as pessoas expressem seu pesar ou falem sobre o assunto, elas podem sofrer intensamente. Muitas pessoas não sabem se o que estão sentindo faz parte do processo do luto, imaginando que estejam loucas e que talvez nunca consigam sair de sua dor (Kovács, 2008).

O medo da morte[18] é um fenômeno universal, abordado de diferentes formas por religiões, crenças populares e estudos científicos. Em culturas antigas, como a egípcia, a morte era vista como um julgamento divino, exemplificado pelo mito da balança de Maat, onde o destino da alma dependia da pureza moral. Nas religiões abraâmicas, esse medo está associado à ideia de um julgamento final, no qual a moralidade e a fé determinam a salvação ou a condenação eterna. No budismo tibetano, a preocupação reside no ciclo de renascimentos, onde a falta de preparação espiritual pode resultar em reencarnações indesejadas. No espiritismo, embora haja o conceito de evolução moral contínua, o processo de purificação ainda suscita apreensão. Por outro lado, nas religiões de matriz africana e nas culturas indígenas americanas, a morte é entendida como uma transição para o mundo dos ancestrais, mantendo uma conexão espiritual, embora o desconhecido e o processo de passagem ainda provoquem temor.

18 O medo da morte envolve a incerteza sobre o pós-vida e a dor de deixar para trás entes queridos e a rotina familiar. O luto, um processo de adaptação à perda, ajuda a aceitar a perda do ente querido na transição do corpo físico para o espiritual. Muitas tradições veem a morte como uma passagem, não um fim, onde o espírito continua sua existência em outro plano ou ainda mantém alguma conexão com o mundo dos vivos. Na crendice popular, os fantasmas são frequentemente vistos como espíritos que não conseguiram se desligar da materialidade e, por isso, se tornam almas penadas, presos entre o mundo físico e espiritual. Esses espíritos são imaginados vagando em busca de paz ou para perturbar os vivos, representando a dificuldade em aceitar a própria morte ou resolver pendências da vida terrena. Essa visão, comum em diversas culturas, reflete o medo da morte mal resolvido e o desejo de transcendência, oferecendo explicações para fenômenos inexplicáveis e a sensação de que a vida espiritual pode ser marcada por desafios na separação completa do corpo e dos laços familiares.

A psicanálise freudiana interpreta o medo da morte como uma expressão do inconsciente, onde o instinto de vida (Eros) está em constante confronto com o instinto de morte (Tânatos). Freud afirma que o ser humano, em sua essência, não consegue conceber sua própria morte, já que o inconsciente age como se a morte não existisse para o indivíduo. Esse mecanismo leva à repressão do medo da morte, que se manifesta através de ansiedade e neuroses. Carl Jung, por outro lado, enxergava a morte como uma transição para uma nova fase da existência psíquica, sendo parte fundamental do processo de individuação. Para Jung, o medo da morte está relacionado ao confronto com o inconsciente e à necessidade de integrar o ego à totalidade da psique, o que inclui a aceitação da finitude.

A tanatologia, o estudo científico da morte e do morrer, amplia essa perspectiva ao explorar os aspectos biológicos, psicológicos e sociais da morte. A ciência tanatológica investiga como os seres humanos lidam com o luto e o medo da morte, identificando-o como um fenômeno ligado à perda de identidade e à ruptura dos vínculos sociais. Além disso, a abordagem tanatológica abrange o estudo das respostas fisiológicas à morte, o processo de luto e as fases de aceitação, oferecendo uma visão mais pragmática e compreensiva sobre o processo de morrer[19].

Nas Ciências Biológicas, a morte está frequentemente associado ao fim da consciência e à cessação da atividade cerebral. Embora ideias como a morte ser um possível portal para outras dimensões ou multiversos despertem fascínio, elas não diminuem o temor, já que permanecem no campo das especulações. Em todas essas abordagens, o medo da morte está ligado ao desconhecido, seja na forma de um julgamento espiritual, na reencarnação, no inconsciente psicanalítico, ou no término biológico, à dissolução da identidade e dos laços familiares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise teológica e científica das cosmologias sobre a pós-vida revela uma diversidade de crenças sobre a transição entre o mundo físico e o espiritual. Essas perspectivas indicam que, para muitas culturas, a morte não é o fim, mas o início de uma jornada rumo a outras realidades, vistas como novas dimensões de existência onde a consciência continua a se expandir e evoluir.

No Egito Antigo, uma sociedade com forte enfoque tanatológico, a pós-vida era associada à justiça e pureza moral, simbolizada pela balança de Maat. Apenas os corações livres de impurezas poderiam alcançar o paraíso, enquanto os que não passavam pela balança eram destinados à reencarnação, acompanhada pelo esquecimento da vida anterior, o que sugeria a aniquilação da identidade daqueles considerados injustos.

19 Ampliando o entendimento sobre o processo da morte, a decomposição de materiais ao longo dos séculos segue processos naturais que retornam substâncias à terra, especialmente no caso de materiais orgânicos, como madeira, restos vegetais e corpos de seres vivos, que se decompõem com o auxílio de micro-organismos e agentes climáticos. Esse ciclo permite que os elementos químicos presentes nesses materiais, como carbono e nitrogênio, sejam reintegrados ao solo, promovendo a continuidade do ciclo de vida na natureza, ilustrando a expressão **"do pó veio, do pó irá voltar"**. *Os materiais inorgânicos, como os metais, passam por processos de oxidação, como a ferrugem, que gradualmente a degrada até que se desintegrem. Embora metais como ferro e cobre possam durar por décadas ou séculos, com o tempo se oxidam e acabam desaparecendo, sendo reintegrados ao ambiente em formas menos visíveis. Outros materiais, como vidro e certos plásticos, resistem mais ao tempo, mas mesmo eles podem sofrer desgastes lentos. No entanto, em geral, o que sobra após longos períodos de decomposição são resíduos que já faziam parte da terra, reforçando a ideia de que a natureza, em seu próprio ritmo, reaproveita ou degrada o que nela existe.*

Por outro lado, o budismo tibetano interpreta a morte como uma transição natural no ciclo de renascimentos, o Samsara. A morte é vista como uma etapa crucial para o autoconhecimento e a evolução espiritual, com o objetivo de alcançar o Nirvana. Práticas meditativas e preparações espirituais ajudam o falecido a atravessar o Bardo, indicando que a reencarnação ocorre para corrigir falhas de vidas passadas.

Nas religiões abraâmicas, a moralidade e a fé determinam o julgamento final, que decide o destino eterno da alma com base na conduta ética e na devoção. Já para Platão e outros filósofos gregos, a alma imortal transcende o corpo, buscando a libertação através do desenvolvimento intelectual.

No espiritismo, a reencarnação é um processo contínuo de evolução moral, guiado pela lei de causa e efeito, enquanto nas religiões de matriz africana e nas crenças indígenas, a vida e a morte formam um ciclo contínuo, com os ancestrais desempenhando um papel vital para os vivos.

As visões modernas, influenciadas pela física quântica, sugerem que a morte pode ser uma transição para outras dimensões, enquanto para o ateísmo e a ciência natural, a morte marca o fim definitivo da existência biológica. No entanto, debates sobre a natureza da realidade continuam a abrir novas questões sobre a consciência e a continuidade da sua existência.

Essas diversas perspectivas sobre a morte e o pós-vida refletem que o destino da alma está ligado às escolhas feitas em vida, com a possibilidade de transcendência ou aniquilação dependendo dos caminhos trilhados.

Contudo, o destino que alcançaremos dependerá da moral e do que cultivamos em nossas escolhas e dos caminhos que trilhamos a partir delas para transcender a morte física ou não; e, dos méritos em vida alcançar uma possível vida espiritual eterna em novas roupagens em algum Reino Divino para termos uma continuidade de nosso trabalho espiritual.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco.** São Paulo: Martin Claret, 2010.

ASSMANN, Jan. **Death and Salvation in Ancient Egypt.** Ithaca: Cornell University Press, 2005.

BÍBLIA – **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.

BLOCH, Maurice; PARRY, Jonathan. **Death and the Regeneration of Life.** Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

CAMPOS, Carmen Elisabeth P. **A Busca da Terra Sem Males**: uma viagem espiritual entre os Guarani Kaiowá. São Paulo: Edusp, 2014.

CARMEN, V.; STEIN, R. **Bardo Thodol**: El libro tibetano de los muertos. 2. ed. Barcelona: Edaf, 2009.

CARRASCO, David. **Religions of Mesoamerica**: cosmovision and ceremonial centers. Nova York: Harper & Row, 1990.

COHN-SHERBOK, Dan. **Judaism**: history, belief, and practice. Londres: Routledge, 2003.

DANTE, Alighieri. **A Divina Comédia.** Tradução de Italo Eugenio Mauro. São Paulo: Editora 34, 2013.

DAVID, Rosalie. **Religion and Magic in Ancient Egypt**. Londres: Penguin, 2002.

DAVIES, Douglas J. **A Brief History of Death.** Malden: Blackwell, 2005.

DORJE, G. **The Tibetan Book of the Dead**: First Complete Translation. Londres: Penguin Classics, 2006.

EVANS-WENTZ, W. Y. **The Tibetan Book of the Dead**: Or the After-Death Experiences on the Bardo Plane. Oxford: Oxford University Press, 2000.

HORUNG, Erik. **The Ancient Egyptian Books of the Afterlife.** Ithaca: Cornell University Press, 1999.

JACOBS, Louis. **The Jewish Religion**: a companion. Oxford: Oxford University Press, 2007.

KARDEC, Allan. **O Céu e o Inferno.** São Paulo: FEB, 2007a.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos.** São Paulo: Edicel, 2007b.

KASTENBAUM, Robert. **Death, Society, and Human Experience.** Boston: Pearson, 2004.

KEMP, Barry J. **Ancient Egypt**: anatomy of a civilization. 2. ed. Londres: Routledge, 2006.

KOVÁCS, M. J. **Desenvolvimento da Tanatologia**: estudos sobre a morte e o morrer. Paidéia (Ribeirão Preto) [online], v. 18, n. 41, p. 457-468, set. 2008. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0103-863X2008000300004. Acesso em: 04 nov 2024.

LEVENSON, Jon D. **Resurrection and the Restoration of Israel**: the ultimate victory of the God of life. New Haven: Yale University Press, 2006.

LOMNITZ, Claudio. **Death and the Idea of Mexico.** Nova York: Zone Books, 2005.

LOPEZ AUSTIN, Alfredo. **The Human Body and Ideology**: concepts of the ancient Nahuas. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1997.

MBITI, John S. **Introduction to African Religion.** Londres: Heinemann, 1991.

MCGRATH, Alister E. **Christian Theology**: an introduction. 6. ed. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2020.

MOREIRA-ALMEIDA, Alexander. **Espiritismo e Ciência**: discussões e perspectivas futuras. Rio de Janeiro: FEB, 2009.

NEIMEYER, Robert A. **Meaning Reconstruction & the Experience of Loss.** Washington, D.C.: American Psychological Association, 2012.

O'COLLINS, Gerald. **Christology**: a biblical, historical, and systematic study of Jesus Christ. Oxford: Oxford University Press, 2009.

PARKES, Colin Murray; LAUNGANI, Pittu; YOUNG, Bill. **Death and Bereavement Across Cultures**. Londres: Routledge, 2015.

PEEL, John David Yeadon. **Religious Encounter and the Making of the Yoruba.** Bloomington: Indiana University Press, 2003.

PIETRAFESA, Daniel. **Religiões Indígenas**: o universo simbólico dos povos nativos. São Paulo: Paulinas, 2002.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. São Paulo: Edipro, 2001.

PLATÃO. **Fédon**. São Paulo: Abril Cultural, 1996.

POPOL VUH: Sacred Book of the Quiché Maya People. Tradução de Allen J. Christenson. Electronic version of Popol Vuh: The Sacred Book of the Maya. University of Oklahoma Press, Norman, 2003. Mesoweb, 2007. Disponível em: www.mesoweb.com/publications/Christenson/PopolVuh.pdf. Acesso em: 11 out. 2024.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SANTOS, Júlio G. **Os Nagôs e a Morte**: padrões de cultura afro-brasileiros. Petrópolis: Vozes, 2006.

SANTOS, Juarez. **Ancestralidade e Religiosidade Afro-brasileira**: um estudo sobre o culto aos Eguns. Salvador: EDUFBA, 2007.

SOGYAL, Rinpoche. **O Livro Tibetano do Viver e do Morrer**. São Paulo: Palas Athena, 1992.

TAYLOR, J. H. **Death and the Afterlife in Ancient Egypt**. London: British Museum Press, 2001.

THURMAN, Robert A. F. **The Tibetan Book of the Dead**. Nova York: Bantam Books, 1994.

TRINDADE, Luiz Carlos. **Sincretismo Religioso na Umbanda**. São Paulo: Ícone, 1999.

URTON, Gary. **The History of a Myth**: Pacariqtambo and the origin of the Inkas. Austin: University of Texas Press, 1990.

VERGER, Pierre. **Orixás**: deuses iorubás na África e no Novo Mundo. 4. ed. São Paulo: Corrupio, 2002.

WRIGHT, Nicholas T. **Surprised by Hope**: rethinking heaven, the resurrection, and the mission of the church. Nova York: HarperOne, 2008.

XAVIER, Francisco Cândido. **Ação e Reação.** Ditado pelo espírito André Luiz. Rio de Janeiro: FEB, 1957.

XAVIER, Francisco Cândido. **Missionários da Luz**. Ditado pelo espírito André Luiz. Rio de Janeiro: FEB, 1945.

XAVIER, Francisco Cândido. **Nosso Lar.** Ditado pelo espírito André Luiz. Rio de Janeiro: FEB, 1944.

XAVIER, Francisco Cândido. **Pinga-Fogo**. São Paulo: LAKE, 1971.